

SEXUALIDADE E DEFICIÊNCIA VISUAL: vivências de adultos com cegueira congênita



Helen Cristiane da Silva Theodoro
Carolina Severino Lopes da Costa
Hadriel Geovani da Silva Theodoro

SEXUALIDADE E DEFICIÊNCIA VISUAL: vivências de adultos com cegueira congênita

1ª Edição

São Carlos / SP

Editora De Castro

EDESP-UFSCar

2023

Copyright © 2023 dos autores.

Editora De Castro

Editor: Carlos Henrique C. Gonçalves

Conselho Editorial:

Prof. Dr Alonzo Bezerra de Carvalho

Universidade Estadual Paulista – Unesp

Prof. Dr Antenor Antonio Gonçalves Filho

Universidade Estadual Paulista – Unesp

Profª Drª Bruna Pinotti Garcia Oliveira

Universidade Federal de Goiás – UFG

Profª Drª Célia Regina Delácio Fernandes

Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD

Profª Drª Cláudia Starling Bosco

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG / FaE

Prof. Dr Felipe Ferreira Vander Velden

Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

Prof. Dr Fernando de Brito Alves

Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP

Prof. Dr. Flávio Leonel Abreu da Silveira

Universidade Federal do Pará – UFPA

Profª Drª Heloisa Helena Siqueira Correia

Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Prof Dr Hugo Leonardo Pereira Rufino

Instituto Federal do Triângulo Mineiro, Campus Uberaba, Campus Avançado Uberaba Parque Tecnológico

Profª Drª Jáima Pinheiro de Oliveira

Universidade Federal de Minas Gerais,

Faculdade de Educação – UFMG / FAE

Profª Drª Jucelia Linhares Granemann

Universidade Federal de Mato Grosso do

Sul – Campus de Três Lagoas – UFMS

Profª Drª Layanna Giordana Bernardo Lima

Universidade Federal do Tocantins – UFT

Prof. Dr Lucas Farinelli Pantaleão

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

Profª Drª Luciana Salazar Sagado

Universidade Federal de São Carlos – UFSCar / LABEPPE

Prof. Dr Luis Carlos Paschoarelli

Universidade Estadual Paulista – Unesp / Faec

Profª Drª Luzia Sigoli Fernandes Costa

Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

Profª Drª Marcia Machado de Lima

Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Prof. Dr Marcio Augusto Tamashiro

Instituto Federal de Educação, Ciência e

Tecnologia do Tocantins – IFTO

Prof. Dr Marcus Vinícius Xavier de Oliveira

Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Prof. Dr Mauro Machado Vieira

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

Prof. Dr Osvaldo Copertino Duarte

Universidade Federal de Rondônia – UNIR

Profª Drª Zulma Viviana Lenarduzzi

Facultad de Ciencias de la Educación – UNER, Argentina

EDESP – Editora de Educação e Acessibilidade da UFSCar

Diretor: Nassim Chamel Elias

Editores Executivos

Adriana Garcia Gonçalves, Clarissa Bengtson, Douglas Pino e Rosimeire Maria Orlando

Conselho Editorial

Adriana Garcia Gonçalves (UFSCar)

Carolina Severino Lopes da Costa (UFSCar)

Clarissa Bengtson (UFSCar)

Christianne Thatiana Ramos de Souza (UFPA)

Cristina Broglia Feitosa de Lacerda (UFSCar)

Cristina Cinto Araújo Pedroso (USP)

Gerusa Ferreira Lourenço (UFSCar)

Jacyene Melo de Oliveira Araújo (UFRN)

Jáima Pinheiro de Oliveira (UFMG)

Juliane Ap. De Paula Perez Campos (UFSCar)

Marcia Duarte Galvani (UFSCar)

Maria Josep Jarque (Universidad de Barcelona)

Mariana Cristina Pedrino (UFSCar)

Nassim Chamel Elias (UFSCar) - Presidente

Otávio Santos Costa (UFMA)

Rosimeire Maria Orlando (UFSCar)

Valéria Peres Asnis (UFU)

Vanessa Cristina Paulino (UFMS)

Vanessa Regina de Oliveira Martins (UFSCar)

Apoio

Esta publicação foi financiada com o apoio da:

- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – CAPES/PROEX nº do Processo: 23038.006212/2019-97.

Projeto gráfico: Carlos Henrique C. Gonçalves

Capa: Daniel Ferras Gonçalves da Silva

e-mail: fraldaniel@gmail.com

Descrição das imagens: Helen Cristiane da Silva Theodoro

Preparação e revisão de textos/normalizações (ABNT):

Editora De Castro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Lumos Assessoria Editorial

T388 Theodoro, Helen Cristiane da Silva.
Sexualidade e deficiência visual : vivências de adultos com cegueira congênita [recurso eletrônico] / Helen Cristiane da Silva Theodoro, Carolina Severino Lopes da Costa e Hadriel Geovani da Silva Theodoro. — 1. ed. — São Carlos : De Castro : EDESP-UFSCAR, 2023.
Dados eletrônicos (pdf).

Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-6036-175-1

1. Pessoas com deficiência visual – Comportamento sexual. 2. Educação sexual para pessoas com deficiência. 3. Cegos – Sexo. I. Costa, Carolina Severino Lopes da. II. Theodoro, Hadriel Geovani da Silva. III. Título.

CCD23: 306.7087

Biblioteca: Priscila Pena Machado – CRB-7/6971

DOI: 10.46383/isbn.978-65-6036-175-1

Todos os direitos desta edição foram reservados aos autores. A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998).

Editora De Castro

contato@editoradecastro.com.br

editoradecastro.com.br

EDESP – Editora de Educação e

Acessibilidade da UFSCar

www.edesp.ufscar.br



A TODAS AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação Especial (PPGEEs), por oferecer condições para a realização deste trabalho.

*À **Associação para Apoio e Integração do Deficiente Visual - PARA-DV** por todo apoio e suporte.*

Aos participantes desta pesquisa por serem solícitos e compartilharem suas experiências como forma de contribuir para o avanço da ciência e educação em nosso País.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
INTRODUÇÃO	13
1	
DEFICIÊNCIA VISUAL: HISTÓRIA E CONCEPÇÕES	15
2	
CORPO, SEXUALIDADE E DEFICIÊNCIA VISUAL	21
3	
DEFICIÊNCIA VISUAL E EDUCAÇÃO SEXUAL	27
4	
APRESENTAÇÃO DAS/OS PARTICIPANTES: ANA, CARLOS E LUIZ	43
4.1 Ana	45
4.2 Carlos	48
4.3 Luiz	52
5	
DISCUSSÃO E REFLEXÕES DAS VIVÊNCIAS DE ANA, CARLOS E LUIZ	61
5.1 Família	62
5.2 Escola	66
5.3 Desenvolvimento e vida cotidiana	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS	81
ÍNDICE REMISSIVO	93
AUTORES	97

APRESENTAÇÃO

Este livro é parte do desenvolvimento acadêmico de Helen Cristiane da Silva Theodoro, que, desde o ano de 2016, em sua trajetória acadêmica, tem dedicado esforços para aprofundar seu conhecimento e compreensão sobre a deficiência visual e sua interface com o desenvolvimento da sexualidade. O texto se propõe a oferecer fundamentos teóricos sobre a temática da deficiência visual e o desenvolvimento da sexualidade humana. Para isso, utiliza a literatura científica acerca do tema e, principalmente, coloca em evidência um conteúdo de valor inestimável: as vivências sobre o desenvolvimento da sexualidade a partir do “olhar” das próprias pessoas com deficiência visual. Como preconiza o modelo sociocultural da deficiência “nada sobre nós sem nós” (Gavério, 2017; Piccolo, 2012), isso implica dar voz e reconhecer a participação ativa de todas as pessoas com deficiência.

O texto inicia por uma contextualização histórica da deficiência visual e apresenta definições acerca desta deficiência; em seguida, introduz conceitos e dados de pesquisa acerca da relação entre corpo, sexualidade e deficiência visual. Considerando que toda pessoa se desenvolve e aprende em um meio social e que este é de extrema importância na condução do processo de desenvolvimento da sexualidade da pessoa humana, o próximo subitem trata da educação sexual para as pessoas com deficiência visual.

Após essa contextualização e fundamentação de ordem teórica e científica, são apresentados os casos de três adultos com cegueira, com suas percepções sobre seu desenvolvimento e vivências no que diz respeito à sexualidade. Ana, Carlos e Luiz são adultos com Ensino Superior completo, com idade variando na faixa etária dos 30 anos, independentes, com trajetórias de vida e de descobertas da sexualidade de formas distintas, que imprimem uma riqueza para quem busca uma maior compreensão sobre a intersecção entre deficiência visual e sexualidade. Em suas vivências, aparecem temas como orientação sexual, preconceito, uso de drogas, dificuldades para iniciar relacionamentos de forma presencial e necessidade do uso de aplicativos.

O texto procura, por fim, discutir e refletir, com a literatura científica da área, acerca de categorias como desenvolvimento da sexualidade de pessoas com deficiência visual e família, escola e vida cotidiana. A/o leitora/or encontrará, portanto, ricas informações sobre a deficiência visual e o desenvolvimento da sexualidade de pessoas com cegueira.

Dr^a Carolina Severino Lopes da Costa¹

¹ Orientadora da dissertação de Helen Cristiane da Silva Theodoro.

INTRODUÇÃO

No que se refere à produção de conhecimentos científicos sobre a sexualidade, é preciso ter em mente que a construção do saber não pode ser dissociada das relações de poder, o que nos leva a reconhecer que o próprio discurso científico pode servir ou ser utilizado para a produção de certas “verdades”: como exemplo, podemos pensar no discurso médico dos séculos XIX e XX e sua inter-relação com a patologização de diversas práticas sexuais (Foucault, 2018). Apesar de presenciarmos na atualidade uma ampliação dos debates acerca da sexualidade, o tema, em muitos aspectos, não deixa de ser considerado um tabu, principalmente quando se fala da sexualidade de pessoas com deficiência.²

No campo da educação, essa ainda é uma temática muito invisibilizada, o que também está associado ao fato de que a sexualidade de pessoas com deficiência normalmente não é abordada de forma didática no âmbito familiar e/ou escolar (Maia, 2019). Devido a questões morais, culturais ou religiosas, muitas famílias evitam tocar nesse assunto com suas/seus filhas/os; nas escolas, os conteúdos costumam ser restritos à biologia e há uma falta de materiais e recursos pedagógicos adaptados às necessidades das pessoas com deficiência (Zerbinati; Bruns, 2017).

Levando isso em consideração, é importante compreender que o desenvolvimento do ser humano, em suas mais variadas nuances, corresponde a um processo sempre contínuo e inacabado, do qual a sexualidade não pode ser dissociada. Desde o nascimento, o contexto familiar é um dos principais fatores que impactam o processo de desenvolvimento, sobretudo porque o núcleo familiar é responsável por fornecer proteção e cuidados básicos. A infância, por exemplo, é um período no qual ocorrem trocas de afeto e as orientações para o autocuidado, a independência, a autonomia e a manutenção das relações interpessoais – dentre outros elementos vinculados às Habilidades Sociais Educativas das/os responsáveis em relação ao desenvolvimento global da criança (Bolsoni-Silva *et al.*, 2008). Já a puberdade é um momento de grandes transformações fisiológicas e psicológicas, que predispõem o início de relacionamentos afetivos. Com o passar do tempo, esses relacionamentos podem resultar em práticas sexuais. Assim sendo, tanto na infância quanto na adolescência, há a necessidade de orientação por parte das/os responsáveis no que diz respeito ao desen-

² Empregamos o termo *pessoa* a partir da compreensão do “ser”. Nas relações sociais, a pessoa é parte de uma complexa rede de trocas simbólicas, que são fundamentais ao desenvolvimento da subjetividade humana. Além disso, o conceito de pessoa não pode ser dissociado da história nem dos processos de construção identitária (Spink, 2011).

volvimento da sexualidade. A efetivação (ou não) desse tipo de orientação e a forma como é realizada influenciam diretamente a experiência da sexualidade na fase adulta (Davidoff, 2001).

Particularmente, no caso de pessoas com deficiência visual, o comprometimento total ou parcial do sentido da visão gera particularidades e necessidades específicas no que diz respeito à sexualidade. O autocuidado no que diz respeito ao corpo, a descoberta das diferenças anatômicas, as formas de expressão de gênero, os desejos e o estabelecimento de relações afetivas são algumas das dimensões da sexualidade que podem ser afetadas em decorrência da falta da visão. Sem considerar as especificidades que isso gera, a deficiência visual pode se converter em um fator prejudicial ao desenvolvimento e à experiência da sexualidade.

Normalmente, no contexto familiar e social, a deficiência visual é associada de modo automático a um comprometimento do desenvolvimento da sexualidade (Bruns, 2017). Essa associação pode estar condicionada a fatores como a superproteção, a infantilização e preconceitos e estigmas que fundamentam a ideia de que pessoas com deficiência visual são incapazes de desenvolver e vivenciar sua sexualidade (Maia, 2019). Ademais, a falta de comunicação e de recursos educativos apropriados pode fazer com que as informações sobre a sexualidade não sejam disponibilizadas de maneira adequada para essas pessoas (Pinel, 1999).

Diante desse cenário, o objetivo principal nesta obra é apresentar um conjunto de conhecimentos científicos sobre a sexualidade de pessoas com deficiência visual, sobretudo no que se refere aos impactos que a educação sobre a temática gera em suas experiências ao longo de todas as etapas do desenvolvimento. Para tanto, partimos de uma reflexão sobre as mudanças históricas relacionadas ao conceito de deficiência. Na sequência, abordamos a inter-relação entre corpo, sexualidade e deficiência visual. No terceiro capítulo, tratamos sobre educação sexual e deficiência visual, discorrendo sobre as questões educacionais e recursos pedagógicos direcionados a esse público. Por fim, apresentamos e analisamos três estudos de caso englobando as particularidades de vivências de pessoas com deficiência visual no que se refere aos processos de desenvolvimento de sua sexualidade.

DEFICIÊNCIA VISUAL: HISTÓRIA E CONCEPÇÕES

Ao tratarmos da sexualidade de pessoas com deficiência visual, primeiramente necessitamos levar em conta alguns conceitos-chave no tocante à própria deficiência. A deficiência visual pode ser compreendida de diversas formas, o que dificulta um consenso a respeito dessa conceituação por estudiosas/os da área da Educação Especial e estudos sobre a deficiência (Costa *et al.*, 2009). De modo geral, entende-se a deficiência visual como a perda total ou parcial do sentido da visão (Smith; Tyler, 2010). Essa definição está baseada em avaliações da acuidade visual (capacidade de discriminação de formas, linhas, símbolos ou letras progressivamente menores) e do campo visual (amplitude de estímulos que a pessoa tem condições de perceber, a partir de um ponto fixo) (Silveira, 2009).

Para Silveira (2009), a cegueira corresponde à perda total da visão até a ausência de projeção de luz; já a baixa visão é uma alteração da capacidade funcional da visão, decorrente de inúmeros fatores (isolados ou associados), tais como: baixa acuidade visual significativa, redução importante do campo visual e alterações corticais e/ou de sensibilidade aos contrastes que interferem ou limitam o desempenho visual do indivíduo. Além disso, a autora define a perda da função visual em nível leve, moderado e severo, sendo influenciada por fatores ambientais, podendo ser congênita ou adquirida³.

Assim como outros tipos de deficiência, historicamente a deficiência visual passou por períodos de eliminação, veneração e segregação. Na antiguidade egípcia, foram encontradas em papiros referências à cegueira, mostrando que havia cegos naquela região. Na Grécia antiga, algumas pessoas cegas eram veneradas como profetas e consideradas capazes de realizar milagres. Já na antiga Roma, apesar da grande maioria das pessoas com cegueira ter sido marginalizada, algumas se tornaram estudiosas, como Diodotus, um professor cego que orientou Cícero, um famoso orador e escritor romano (Motta, 2004).

3 De acordo com Silveira (2009), a deficiência visual congênita é caracterizada pela perda da visão desde o nascimento até os cinco anos de idade. Já a deficiência visual adquirida ocorre após os cinco anos de idade, o que permite que essas pessoas tenham imagens e memórias visuais formadas.